



A DIDÁTICA E O ENSINO: NARRATIVAS SOBRE PROFESSORES INESQUECÍVEIS E SUAS VIRTUDES

DIDACTIC AND TEACHING: NARRATIVES ABOUT UNFORGETTABLE TEACHERS AND THEIR VIRTUES

Emerson Augusto de Medeiros¹

Francisco Thiago Silva²

Resumo: Este estudo, situado no âmbito da Didática e do ensino, centra-se nos professores inesquecíveis e suas virtudes. Assumiu, como objetivo central analisar, por meio de narrativas, as virtudes de professores inesquecíveis, as quais somaram à formação dos estudantes na Educação Básica. Em termos metodológicos, fez uso da abordagem qualitativa e da pesquisa narrativa, tendo como participantes 11 (onze) discentes da disciplina de Didática do Ensino Superior, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PosEnsino), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Recorreu à carta pedagógica como técnica de produção de dados e à análise textual discursiva como técnica de análise das narrativas escritas. A partir das narrativas, analisou-se um conjunto de virtudes, são elas: i. Responsabilidade com a docência; ii. Sensibilidade pedagógica; iii. Exemplaridade e estética no magistério; iv. Criatividade e entusiasmo no ensino; e v. Compromisso com a aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: Didática; Formação de Professores; Ensino; Professores Inesquecíveis.

Abstract: This text, located within the scope of Didactics and teaching, has as its object of study unforgettable teachers and their virtues. Its central objective is to analyze, through narratives, the virtues of unforgettable teachers, which contributed to the training of students in Basic Education. In methodological terms, it used a qualitative approach and narrative research, with participants being 11 (eleven) students from the Higher Education Didactics discipline, from the Postgraduate Program in Teaching (PosEnsino), from the Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). It used the pedagogical letter as a data production technique and discursive textual analysis as a technique for analyzing written narratives. In the narratives, a set of virtues were presented, which we mention: i. Responsibility for teaching; ii. Pedagogical sensitivity; iii. Exemplary and aesthetics in teaching; iv. Creativity and enthusiasm in teaching; and iv. Commitment to student learning.

Keywords: Didactic; Teacher Training; Teaching; Unforgettable Teachers.

1 Introdução

Ao longo de nossas trajetórias de vida, vivemos um tempo considerável nas escolas. Podemos afirmar que, para muitas pessoas, quase duas décadas de suas vidas se concretizam frequentando os espaços escolares. Nas escolas, construímos memórias boas

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE), com estágio pós-doutoral pela Universidade de Brasília (UnB). Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: emerson.medeiros@ufersa.edu.br

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professor Adjunto da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: francisco.thiago@unb.br



e ruínas que se eternizam. Guardamos para sempre lembranças que, em determinadas ocasiões, serão revisitadas. Alguns exemplos condizem com as conversas e as brincadeiras nos intervalos diários que geraram amizades e vínculos fraternos longínquos, as gincanas escolares, as atividades lúdicas em algumas disciplinas do currículo escolar, as festas em datas celebrativas e os professores que se tornaram inesquecíveis, alguns sendo referências para a vida.

Todo esse contexto, permite-nos afirmar que a escola além de assumir, por meio do ensino, a função de socializar o conhecimento historicamente acumulado pela humanidade (Sacristán; Pérez, 2000; Saviani, 2021), também se configura como um espaço de interação (Freire, 2014), possibilitando que os diferentes sujeitos que dela participam produzam saberes e laços afetivos importantes ao seu desenvolvimento humano. Nesse contexto, os professores exercem um papel essencial.

Este texto foca-se nos professores, mais precisamente nos professores concebidos como inesquecíveis, os quais, por meio de suas virtudes, constroem marcas positivas nas trajetórias de escolarização de seus alunos. Assim, a pesquisa apresentada assumiu como objetivo central analisar, por meio de narrativas, as virtudes de professores inesquecíveis, as quais somaram à formação dos estudantes na Educação Básica. Associa-se, sobretudo, à Didática e ao ensino, porque entendemos que ambos se configuram como dimensões teórico-práticas e epistemológicas que fundamentam as ações escolares, neste caso, as ações na docência dos professores inesquecíveis.

Do ponto de vista metodológico, o estudo fez uso da abordagem qualitativa e da pesquisa narrativa, tendo como participantes 11 (onze) discentes da disciplina de Didática do Ensino Superior, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PosEnsino), da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), cursada no semestre letivo de 2023.2, presencialmente. Como técnica de produção de dados, recorremos ao gênero carta pedagógica, dispositivo construído pelos discentes (participantes do estudo) ao longo da disciplina e direcionado a registrar memórias afetivas escolares com professores concebidos como inesquecíveis, ressaltando suas virtudes³. Em relação à técnica de análise de dados, assinalamos a análise textual discursiva, a qual deteve-se aos registros escritos produzidos pelos estudantes.

³ Informamos que tivemos a autorização dos estudantes, participantes do estudo, por meio do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), para a produção e a análise dos dados, bem como para a sua divulgação em diferentes canais de comunicação social, a exemplo deste texto.



Enfatizamos que este texto também faz parte do plano de atividades do estágio de pós-doutoramento realizado na Universidade de Brasília (UnB), por um dos autores. Articula-se ao debate erguido nacionalmente no decurso da história acerca da Didática e da formação dos professores da Educação Básica, campos profícuos para reafirmar o *status* científico, pedagógico e político de atuação desses profissionais.

Para além desta introdução, o texto está organizado em mais três seções e as considerações finais. Na seção seguinte, dialogamos acerca da relação indissociável entre a Didática, o ensino e os professores inesquecíveis. Posteriormente, evidenciamos o caminho metodológico para a produção e a análise dos dados. Na última seção, por meio de narrativas, aludimos sobre o conjunto de virtudes elencadas pelos estudantes (participantes do estudo) a respeito dos seus professores inesquecíveis. Nas considerações finais, resumimos as principais conclusões produzidas ao longo deste escrito.

Esperamos que o presente texto some ao demais artigos que compõem este número temático da Revista Pesquisa Qualitativa e contribua com a produção de ideias para novas pesquisas no âmbito da Didática e da formação dos professores.

2 A didática, o ensino e os professores inesquecíveis: relação indissociável

Somos professores formadores em cursos de licenciatura há mais de uma década. Vivenciamos no decurso de nossa trajetória profissional, em diferentes espaços, questionamentos sobre o papel da Didática na formação dos professores e também no ensino na Educação Básica. Perguntas, como: afinal, para que serve a Didática na formação dos professores da Educação Básica? Qual a relação da Didática com o ensino? De que forma a Didática contribui aos professores nas escolas? Entendemos que tais questionamentos derivam, muitas vezes, do lugar que a formação docente e os conhecimentos e os saberes pedagógicos ocuparam na educação brasileira – quer a nível de Ensino Superior ou não (Pimenta, 2023). Dessa maneira, a partir de agora, dialogamos sobre esses questionamentos no fito de assinalarmos a relação indissociável que a Didática estabelece com o ensino e os professores inesquecíveis, escopo de interesse deste estudo.

Conforme Alarcão (2024), a Didática se configura como um campo de conhecimento situado no âmbito da Pedagogia (ciência da educação) e tem como objeto de estudo *os processos de ensino-aprendizagem e a formação*. De toda forma, ao longo



do tempo, se estudarmos o percurso da Didática na formação dos professores veremos, pelo menos, duas tendências sobre ela.

Pimenta (2023) assinala, considerando o cenário brasileiro, que até o fim da década de 1970 prevaleceu a Didática Instrumental, de base acrítica e tecnicista (primeira tendência). Apesar de ter seu objeto de estudo traçado (os processos de ensino-aprendizagem e a formação), quando o tomava para estudo e análise fazia sem creditar os condicionantes que as relações sociais inferem à realidade escolar. Essa tendência iniciou desde o momento, conforme Imbernón (2024), em que a Didática se difundiu como campo de conhecimento por meio da obra de Comenius, a *Didática Magna*, publicada em 1649. No entanto, quando vivida com os professores, era transmitida de modo apartado das questões sociais que são integrantes dos espaços escolares.

No Brasil, quando tivemos o início da formação inicial dos professores no Ensino Superior, por meio da criação das Faculdades Nacionais de Filosofia (por via do Decreto 1.190, de 4 abril de 1939), a Didática emergiu como uma seção especial anexa à seção de Pedagogia. Para receberem o título de licenciado, os professores formados em quaisquer cursos dessas instituições necessitavam de um curso de Didática vivido no decurso de um ano. No entanto, desde esse período inicial na formação dos professores, os estudos acerca da Didática se faziam com forte pendor instrumentalista. Os conteúdos curriculares vividos visavam instruir os professores para “dominarem técnicas de ensino”, desconsiderando que a educação se faz por meio das relações humanas tecidas em cada espaço (Romanowski; Mallat; Guimarães, 2020).

Somente a partir da década de 1980, com a expansão de ideias progressistas no campo educacional, especialmente por meio das Pedagogias Críticas e Pós-Críticas, é que a Didática se reconfigurou. Nesse contexto, ganhou ênfase a demanda por pensar os processos de ensino-aprendizagem relevando as questões intrínsecas à escola e à sala de aula, porém, também fora delas. A educação como uma prática social, com caráter eminentemente político e dialético, não pode ser estudada e exercida distante dos diferentes dispositivos que contribuem ou limitam o seu desenvolvimento. É nesse momento da história que se difundiu na formação dos professores o que concebemos por Didática Crítica – segunda tendência. Imbernón (2024, p. 19), explica:

O objetivo da Didática sob essa perspectiva [Didática Crítica] é ajudar a compreender o mundo, como meio para alcançar a transformação educacional e social e, portanto, a liberdade das pessoas. O desenvolvimento do espírito crítico aliado ao compromisso social e à ética são os fatores determinantes que todo aluno deve desenvolver para que o aprendizado seja completo.

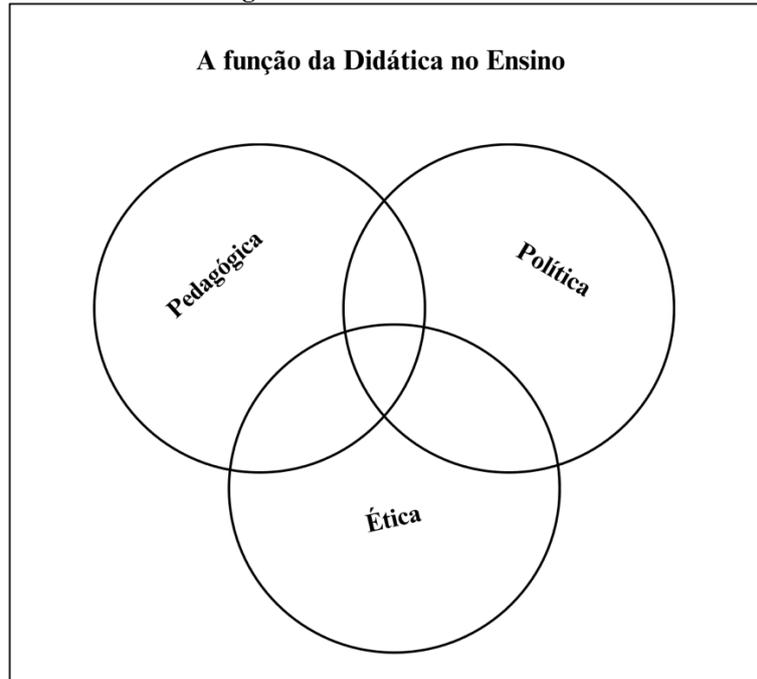


O entendimento difundido na educação é que a Didática Crítica se constitui como desveladora da realidade escolar quando exercida nos cursos de formação docente, a nível de formação inicial e continuada (no ensino, na pesquisa e na extensão), aprimorando e munindo os professores de diferentes conhecimentos e saberes pedagógicos, em prol de benefícios individuais e coletivos – o desenvolvimento integral das pessoas e, conseqüentemente, de cada contexto e da sociedade como um todo.

Vale frisar que, a Didática Crítica, como campo de conhecimento, não secundariza os elementos essenciais aos processos de ensino-aprendizagem, tais como: o ensino, os conteúdos curriculares, o planejamento escolar, a sala de aula, a aula, as metodologias de ensino-aprendizagem, as técnicas de ensino, a relação professor-estudante, a avaliação da aprendizagem, entre outros, em prol de processos formativos políticos. Ela os toma como objeto para estudo e análise, os enxergando como centrais para a aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, os faz tendo em consideração as especificidades que cada espaço para a aprendizagem exige (formal e não formal) e, no mesmo lastro, a prática social.

Nessa perspectiva, a Didática incorre para além da compreensão de técnicas para ensinar. Em verdade, há um movimento de compreensão de realidades, dos condicionantes do ensino-aprendizagem, das suas implicações nos sujeitos que o experienciam, das relações e das condições do fazer pedagógico. Assim, é indissociável do ensino, concebido “como um processo em que está sempre presente, de forma direta ou indireta, o relacionamento humano” (Candau, 1983, p. 14).

Complementamos que não podemos materializar o ensino por via do imprevisto. É aí que a Didática também se concentra. Ela possibilita (de maneira sistematizada e fazendo uso da ciência) o estudo, a problematização, a reflexão, a análise e o planejamento das ações no ensino. O professor sem formação para o exercício da docência se torna, muitas vezes, um mero reproduzidor de ideologias advindas de diferentes frentes (do sistema capitalista, da mídia, entre outros). O estudo da Didática o torna crítico, entendedor de sua condição humana e social. Dessa maneira, no ensino, a Didática assume uma função pedagógica, política e ética (Rios, 2004), conforme mostra a figura seguinte.

Figura 1: A Didática no Ensino

Fonte: Elaborada pelos autores (2025).

Em primeiro lugar, assume uma *função pedagógica* no ensino porque entendemos que é ela, como campo específico de conhecimento, que se centra a estudar e a produzir conhecimentos relativos ao ato educativo, ao como, porquê e para quê fazer nos processos de ensino-aprendizagem. A sua *função política* condiz a buscar desvelar as relações de poder invisíveis/visíveis que norteiam a educação no fito da emancipação das pessoas, por via do ensino. No que toca à *função ética*, se incumbe de formar os professores e, por conseguinte, os estudantes a partir de valores intrínsecos à convivência coletiva em sociedade, conscientizando-os sobre questões de solidariedade, respeito, empatia, pertencimento, criatividade, entre outros.

Por tudo que foi dito, a Didática Crítica necessita ser concebida pelos professores por meio da formação. Seu estudo é parte constituinte de seus processos de profissionalização que são vividos em diferentes espaços, o que respinga diretamente em suas práticas pedagógicas e ações nas escolas.

Em relação aos professores inesquecíveis, por mais que haja, na nossa opinião, uma relação direta de suas virtudes com suas características pessoais e com as representações acerca do ensino que vivenciaram em suas trajetórias de vida, defendemos o seu trabalho docente como ofício, o qual não se faz sem formação específica para a docência, sem o estudo e o aprimoramento de saberes de natureza diversa (Tardif, 2014).



Pontuamos que suas virtudes não brotam do acaso, não são um dom ou vocação – sobretudo, porque o exercício no magistério requer uma formação científica e profissional, não se trata de um sacerdócio ou execução laboral “por amor”, são características que emergem nas relações com os estudantes de maneira consciente e muitas vezes intencional porque, por meio da formação e do ensino, fazendo uso de conhecimentos, de saberes e de experiências, as produzem e ao longo do tempo as aprimoram, fortalecendo suas ações na educação (Freire, 2014). Assim, a Didática mantém uma íntima relação com os professores inesquecíveis, haja vista que os qualifica e os orienta nas ações relativas ao ensino nas escolas e em sala de aula.

3 Metodologia do estudo

Este estudo fez uso da abordagem qualitativa e se tipificou como uma pesquisa narrativa. Estudos qualitativos em Educação, segundo Bogdan e Biklen (1994), priorizam os sentidos e os significados que os sujeitos ou grupos sociais atribuem aos fenômenos e à realidade educativa. Nesta investigação, nos focamos em analisar, por meio de narrativas, as virtudes de professores inesquecíveis, as quais somaram à formação dos estudantes na Educação Básica. Assim, nos concentramos a olhar as experiências desses sujeitos e as marcas afetivas que foram produzidas no tempo de sua escolarização, tendo como referência a narrativa – compreendida neste texto como uma forma de comunicação que carrega consigo recortes do tempo, da experiência, das histórias de vida individuais e coletivas das pessoas (Josso, 2010; Passeggi, 2021).

Como técnica de produção de dados, recorreremos à carta pedagógica, importante recurso utilizado na pesquisa em Educação para comunicar aspectos do processo de ensino-aprendizagem, oportunizando seus autores a escreverem e rememorarem experiências positivas e negativas vivenciadas no ensino, por exemplo. É um canal para dialogarmos com o mundo, de textualizar ideias, de expressar aprendizagens e reflexões (Freire, 2000; Camini, 2012; Dotta; Garcia, 2022).

As cartas pedagógicas foram produzidas no âmbito da disciplina de Didática do Ensino Superior, componente curricular com carga horária de 60h, ministrada entre os meses de agosto e dezembro do ano de 2023, com 11 estudantes (nove se autodeclararam mulheres e dois se autodeclararam homens), do Programa de Pós-Graduação em Ensino, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (PosEnsino/UFERSA), *Campus* Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. Informamos que os estudantes que participaram do estudo



possuem formação inicial em áreas diversas, em cursos de licenciatura e bacharelados, são elas: Pedagogia (quatro), Letras – Inglês (um), Letras – Português (um), Química (um), Economia (um), Nutrição (um), Educação do Campo (um) e Ciência da Computação (um).

Para a sua produção, os estudantes foram orientados a escreverem, por meio de um roteiro dialogado em um conjunto de encontros, acerca dos professores inesquecíveis. Cada carta pedagógica foi escrita e direcionada a um docente da Educação Básica considerado por eles como um professor inesquecível. Antes da produção de cada carta, os estudantes vivenciaram um conjunto de 11 encontros que abordaram os seguintes temas: a Didática e seu objeto de estudo na Educação Básica e no Ensino Superior, a Pedagogia como ciência da Educação, a formação dos professores e os saberes docentes, a docência como ofício, os professores iniciantes e os desafios da docência, os professores inesquecíveis e sua relação com os estudantes, a interdisciplinaridade sob um enfoque pedagógico, a sala de aula e a aula, o planejamento e suas tipologias, a avaliação da aprendizagem, a carta pedagógica como um dispositivo (auto) formativo-reflexivo-dialógico, entre outros.

A disciplina, apesar de ter sido pensada com enfoque na Didática do Ensino Superior, ganhou contornos a partir das demandas e diálogos com os estudantes, mesmo com um plano de atividades definido e dialogado no primeiro encontro. Esse movimento seguiu o que valida Veiga (2008), no que condiz aos movimentos que o ensino produz e as necessidades de reorganização, segundo cada realidade configurada, inclusive o direcionamento de a carta pedagógica ter sido construída para um professor da Educação Básica.

Após a construção das cartas pedagógicas, realizamos um ateliê formativo no fito da apresentação das produções pelos estudantes. Nesse período, realizamos a leitura sobre as cartas, percebemos as aproximações e os distanciamentos entre as narrativas dos estudantes e suas experiências, bem como visualizamos, atentamente, as virtudes presentes em cada professor inesquecível sinalizadas nos registros escritos. Foram mencionadas virtudes de cinco professores e seis professoras.

Após o término da disciplina, em dezembro de 2023, iniciamos a análise de todo o material produzido no semestre letivo com base na análise textual discursiva, técnica de análise textual qualitativa, segundo Moraes e Galiuzzi (2016) e Medeiros e Amorim (2017). Como desdobramento do processo de análise textual, produzimos o conjunto de



cinco eixos narrativos com as cartas pedagógicas, os quais serão dialogados em seção seguinte.

4 Professores inesquecíveis e suas virtudes: narrativas sobre ensinar-aprender com os estudantes na educação básica

Antes de tudo, esclarecemos que entendemos os professores inesquecíveis como aqueles que passaram por nós e que, de algum modo, prosseguiram em nossas trajetórias de vida. Para sempre serão lembrados e referenciados no que toca à docência, pelas experiências vividas que se tornaram partes de nossa dimensão existencial. Assim, neste texto, o professor inesquecível é aquele que lembramos com afeição, com uma “ponta de saudade”, com admiração e como um espelho para o ofício docente.

É sabido que também há professores inesquecíveis que podem ser lembrados por tantos estudantes no mundo afora por características com as quais não compactuamos para o magistério, a exemplo dos professores ríspidos, que deixaram marcas de medo no ensino, que desencorajaram muitos estudantes a seguirem em suas vidas escolares, ao invés de motivá-los a crescerem por meio da educação. No entanto, não são esses professores que compreendemos neste artigo como inesquecíveis. Para nós, os professores inesquecíveis são aqueles que lembramos também por sua humanidade, por serem um bom professor/profissional da educação, por serem gente, nos termos de Freire (2014).

Em relação aos eixos narrativos que emergiram do processo de análise dos dados, resumimos para, em seguida, dialogarmos sobre eles. Cada eixo, denota uma virtude (ou um conjunto delas) dos professores inesquecíveis. Além disso, essas virtudes apresentam-se como predicativos ou adjetivos que são característicos no professor inesquecível. A partir da pesquisa, construímos os seguintes eixos narrativos: i. Responsabilidade com a docência; ii. Sensibilidade pedagógica; iii. Exemplaridade e estética no magistério; iv. Criatividade e entusiasmo no ensino; e v. Compromisso com a aprendizagem dos estudantes.

4.1 Responsabilidade com a docência

A primeira virtude que visualizamos nas cartas pedagógicas nos remete à compreensão de que um professor inesquecível é aquele que exerce a *docência com responsabilidade*. Toda profissão exige de quem a desenvolve uma responsabilidade com



a função exercida, porém, se recorrermos as nossas memórias escolares, certamente, lembraremos de professores que entravam nas salas de aula sem o planejamento diário, inclusive lembramos de professores que, quando assumiam o planejamento em sua prática pedagógica, por anos, utilizavam dos mesmos cadernos (algumas vezes, com as folhas amareladas em virtude do tempo), das mesmas atividades para todas as turmas daquele nível escolar, das mesmas questões avaliativas para os exames bimestrais ou abriam seus livros, considerando-os como a única referência para o ensino, sem estabelecer qualquer contextualização com os alunos e suas realidades socioculturais.

A responsabilidade com a docência é uma virtude elencada pelos estudantes quando narraram sobre seus professores inesquecíveis. Leiamos os recortes das cartas pedagógicas “6” e “10”⁴:

O que mais admiro no senhor e levo para a minha prática profissional era o cuidado em planejar nossas aulas. Era responsável com o que tinha que ensinar e com a gente. Suas aulas eram todas muito bem direcionadas. Elas tinham um começo, meio e fim. [...] talvez seja uma virtude sua que influenciou meu desejo de ser professora. Acho que nos muitos anos na escola, como aluna, vi poucos professores, realmente, planejarem bem suas aulas [...] (Carta pedagógica “6”, Mossoró, 2023).

É com muita gratidão e afeto que escrevo esta carta, onde deixo registradas algumas de minhas memórias que se entrelaçam com nossos encontros e reencontros na Educação. Quando fui sua aluna, suas aulas eram ‘terapêuticas’, me sentia confortável, acolhida, estimulada a participar e a persistir no alcance dos meus objetivos, apesar das dificuldades encontradas no caminho. Ficava cheia de expectativas para a próxima aula, pois sabia que seria um encontro agradável, recheado de aprendizagens. Não se tratava de uma aula tradicional, das tantas que já tinha vivenciado. [...] Tínhamos a oportunidade de vivenciar momentos de reflexão, de interação, de escuta, a gente sentia a sua paixão pelo ensino e como nos enxergava como gente e não somente como meros discentes, receptores de conhecimentos. Tudo era minuciosamente pensado, desde os momentos em festas nas datas comemorativas aos detalhes nas atividades de inglês (Carta pedagógica “10”, Mossoró, 2023).

O primeiro recorte da carta pedagógica “6”, escrito para um professor inesquecível dos anos iniciais do Ensino Fundamental, diretamente, elenca o planejamento diário como um aspecto que se relaciona à responsabilidade com a docência, que também se associa ao respeito com a formação dos estudantes. No recorte da carta pedagógica “10”, encaminhado a uma professora de inglês dos anos finais do Ensino Fundamental, se frisou o comprometimento da docente em organizar as aulas, visando o crescimento de seus discentes.

⁴ Informamos que as narrativas apresentadas seguem os registros textualizados nas cartas pedagógicas. De toda forma, realizamos pequenas revisões ortográficas e gramaticais, visando atender à norma culta da língua portuguesa.



Nos dois registros, se assume a importância da tarefa de educar, o que não se faz sem implicação e, principalmente, sem responsabilidade. Freire (2014, p. 102), comunga com essa assertiva:

Tenho certeza de que uma das convicções indispensáveis à luta das professoras e professores, e que devemos forjar em nós próprios, é sobre a importância de nossa tarefa [a docência]. [...] Obviamente, reconhecer a importância de nossa tarefa não significa pensar que ela é a mais importante entre todas. Significa reconhecer que ela é fundamental. Algo mais: indispensável à vida social.

Vale pontuar que não somente o planejamento e a organização das aulas foram citados como aspectos que imprimem a responsabilidade com a docência. A pontualidade e o cumprimento dos horários das aulas, a busca por formação continuada, o envolvimento com outras atividades relativas à docência na escola, o diálogo com a família dos estudantes, para citar alguns, foram narrados. As cartas pedagógicas “2” e “7” exemplificam parte desses aspectos.

Eu sempre lhe admirei como professora [...]. Será uma eterna inspiração. Hoje, como docente, me vejo na senhora. [...] Não me recordo de a senhora ter chegado atrasada uma única vez, se envolvia com as questões da escola e tudo que fosse relativo aos seus alunos e ao seu trabalho em sala de aula. Quando lembro da escola [...], lembro da senhora por sua dedicação à docência. [...] A senhora se envolvia no que fosse necessário [...] (Carta pedagógica “2”, Mossoró, 2023).

Não quero ser clichê no que vou lhe dizer agora. Nunca esqueci das vezes em que foi em minha casa falar com minha mãe sobre meu aprendizado no fim de cada bimestre. Como criança, não entendia. Hoje, sabemos da importância do vínculo escolar com a família. [...] A sua responsabilidade com a turma [...] era muito visível. Como professor que prezava pela qualidade do seu trabalho, não se limitava (Carta pedagógica “7”, Mossoró, 2023).

Mesmo em circunstâncias que minam as condições de desenvolver a docência na Educação Básica, mormente, na escola pública com a qualidade desejável para cada nível escolar, os professores inesquecíveis, a exemplo dos dois registros elencados anteriormente, não medem esforços, veem sua função laboral articulada à realidade social. Ao passo em que se implicam nas diferentes ações que são intrínsecas ao ensino, fazem com zelo, perseverança e dedicação.

Os professores inesquecíveis são professores responsáveis com a docência porque, na nossa interpretação, compreendem que a educação é um canal de transformação social e o seu trabalho docente é uma peça fundamental para que a sociedade se desenvolva. Não temos dúvidas de que para a transformação social ocorrer há a necessidade de mudanças radicais (algumas delas) em inúmeros setores, espaços, relações, entre outros. Ela não depende, exclusivamente, da educação. No entanto, a docência se configura como uma frente de luta e afirmação por mundo melhor e mais equânime.



4.2 Sensibilidade pedagógica

Em palestra, na 41ª Reunião Bianual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPEd), no ano de 2023, registrou-se a condição atual a que inúmeros professores de todo o país têm se encontrado. Vivemos tempos acelerados em que as informações e as demandas minimizam as condições de promovermos a docência na escola, creditando as necessidades individuais de nossos estudantes, a atenção e o cuidado de ouvir suas demandas e sua humanidade.

Sabemos que isso decorre, tal como tem sido amplamente debatido na área educacional, do intenso avanço do pensamento (ultra) neoliberal na educação, o que culminou no produtivismo, na meritocracia, no esvaziamento de nossa condição humana e de nossas relações nas instituições educativas, na perda de unidade da construção do conhecimento pelos estudantes, entre outros (Paim; Carmo, 2019; Libâneo, 2023; Pimenta, 2023).

Em outra linha de pensamento, as cartas pedagógicas pontuaram a *sensibilidade pedagógica* como uma característica dos professores inesquecíveis. Nesse sentido, a preservação e o cuidado com a especificidade de cada estudante em sala de aula, com os seus saberes e marcas culturais, com suas histórias de vida. Além disso, o afeto nas aulas, o querer bem aos educandos e a exploração do que cada estudante é, como ser humano, são aspectos vinculados à *sensibilidade pedagógica*. Vejamos os recortes das cartas pedagógicas “5”, “8” e “11”:

Escrevo-lhe esta carta para falar sobre o que nunca consegui expressar por ser uma criança tímida, introvertida e de poucas palavras, como bem me conheceu. Agora, como adulta, luto com afinco contra esta timidez e quero expressar por meio desta carta todo afeto que tenho guardado por ti. [...] Acredito que essa evolução se deu ao seu afeto, serenidade e paciência para comigo. Seus olhos verdes estavam sempre sorrindo, transmitindo conforto e paz, definitivamente, era o meu lugar de aconchego, onde esquecia as lamúrias, a tristeza e até a fome, muitas vezes, como criança [em situação de vulnerabilidade social]. Você sempre foi e sempre será uma inspiração para mim. E por ter o mesmo nome que o seu, me apeguei a isso para sonhar e acreditar que um dia eu poderia estar naquele lugar de educadora, em seu lugar, dando continuidade ao seu legado. E eu consegui (Carta pedagógica “5”, Mossoró, 2023).

[...] Lembro-me também que logo na primeira aula você disse que tudo daria certo. Isso, para mim, foi como um grande abraço, de uma calma, alívio, que me deu gás para começar o ano letivo em uma escola desconhecida. Em todo o ano letivo, vi o quanto se importava com seus alunos, o quanto era sensível com cada um. Sempre foi assim: afetuosa, calma, carinhosa e acolhedora (Carta pedagógica “8”, Mossoró, 2023).

Durante os anos em que fui sua aluna, pude testemunhar o seu amor pela sua profissão. Sua paixão pela matéria que lecionava era contagiante e despertou



em mim um interesse genuíno pelo conhecimento. [...] Você sempre esteve disposta a ouvir, aconselhar e apoiar, seja nas questões escolares ou pessoais. Sua presença amiga e encorajadora fez com que eu me sentisse valorizada e motivada a buscar o meu melhor (Carta pedagógica “11”, Mossoró, 2023).

A sala de aula é um espaço multicultural por natureza, nos alerta Candau (2024), ter sensibilidade pedagógica oportuniza-nos a reconhecer cada estudante presente. Entendemos que isso exige de nós, como professores, um conjunto de qualidades para que possamos perceber a singularidade e as diferenças existentes. Nesse lastro, vimos a paciência, o afeto, a escuta, a calma, o acolhimento, a amorosidade e o carinho para com os estudantes. Essas características são necessárias ao professor que vive em um contexto social em que se impera a busca por resultados nos processos de ensino-aprendizagem e nas escolas, limitando as condições de explorarmos as relações de fraternidade, o conhecimento de si mesmo, a sensibilidade para com o meio ambiente, entre outras.

Também como pontua Fanon (2022), em tempos onde até a condição humana tem sido atacada, e por isso a necessidade em defendermos uma Educação voltada para a “Diversidade e os Direitos Humanos”, a sensibilidade no exercício do magistério precisa ser encarada como uma flor rara a ser cultivada.

Nesse caminho, D’ávila (2023) alude para promovermos o que nomina de Didática Sensível nos espaços educativos. Essa Didática nos coloca o desafio de trabalharmos no ensino o conhecimento não somente dos conteúdos curriculares, mas a nossa corporeidade, a tolerância, as emoções, o respeito quanto ao espaço em que habitamos e aos seres vivos com os quais nos relacionamos, visando uma aprendizagem inteligível e não reprodutiva. A sensibilidade pedagógica nos engendra a explorar esses aspectos.

Na carta pedagógica “2”, analisada na sequência, identificamos a sensibilidade pedagógica no acolhimento aos discentes, diariamente, logo no início de cada dia letivo. A música era creditada como um dispositivo para tornar o espaço acolhedor. Observemos:

Lembro-me, vividamente, dos momentos em que adentrava sua sala e era recebida por um ambiente repleto de músicas alegres e contagiantes. Seu amor transformava aquele espaço em um verdadeiro palco de alegria e aprendizado. Cada canção, cada beijo e cada abraço, embalava nossos dias nos ensinando de maneira lúdica e encantadora. Sua sensibilidade ao lidar com cada um de nós, suas palavras e seu olhar atento nos transmitiam confiança para sermos quem éramos, para explorarmos nosso potencial e para expressarmos nossas ideias sem medo (Carta pedagógica “2”, Mossoró, 2023).



Segundo Alves (1994), é pedagógico pensarmos em um ambiente de ensino, no caso a sala de aula, com vivacidade, o que requer amor e, principalmente, alegria. No último registro, temos uma professora que celebrava cada dia letivo, celebrava, com alegria e encantamento, o encontro com seus educandos. A sensibilidade pedagógica, para nós, reside em momentos de construção de laços, no aconchego de estar em um espaço aprendendo em comunhão, a sensibilidade nos põe em condição de escutar o outro numa poética que o vê como ser humano, além de alguém que está na escola para aprender fórmulas de matemática, conceitos de geografia, regras da língua portuguesa ou de inglês, termos da história, etc. A sensibilidade pedagógica permite nos tornar professores inesquecíveis.

4.3 Exemplaridade e estética no magistério

Pensamos sobre o quanto é decepcionante para um estudante ouvir de um professor que é contra qualquer forma de preconceito, que abomina as diferentes nuances da opressão e das desigualdades sociais e, no exercício de sua prática social, identificar nele contradições. Acreditamos que os estudantes, muitas vezes, se espelham nos professores muito mais do que em pessoas com as quais convivem cotidianamente para se exercerem como seres sociais.

O presente eixo narrativo adentra *na exemplaridade e na estética no exercício do magistério*. Essas virtudes dizem respeito à coerência que o docente mantém na profissão, bem como à postura corporal, ideológica e política que assume frente à docência. Os recortes da carta pedagógica “1” são representativos dessa afirmativa.

O ano em questão era 2008, eu era então aluna do CEFET (atual IFRN). Estava no meu segundo ano do curso técnico em Agroecologia. Como aluna bolsista que fui durante todo o meu Ensino Fundamental, já estava acostumada a buscar sempre notas altas. [...] Lembro que próximo ao fim do ano letivo começamos um conteúdo chamado Matriz e Análise Combinatória [na disciplina de Matemática]. Como eu achava doloroso aquilo, minha atenção se perdia e por mais que eu lesse o livro didático em casa, eu não conseguia entender. Durante as aulas, eu pedia para que o professor explicasse de novo e de novo, ele jamais se negou, e usando giz colorido, tentava me fazer entender. Então, chegou o período das avaliações bimestrais. Quando eu recebi a prova e comecei a ler, vi que o conteúdo era justamente aquele que eu temia. Durante um bom tempo, eu fiquei olhando para aquele pedaço de papel e me sentindo tão pequena diante dele que precisei segurar o choro. Em um determinado ponto, eu desisti. Junto com meu nome, escrevi um pedido de desculpas ao professor, mas, não tinha nenhuma resposta para as questões. Entreguei a prova e saí da sala. Na semana seguinte, recebemos as provas. Eu não entendi quando vi um ‘6,0’ escrito na minha prova, aquilo não podia estar certo. No fim da aula, eu fui até o professor e falei que ele tinha se equivocado, que aquela não era minha nota. Ele me respondeu que conhecia cada um dos alunos dele e que se ele escrevesse ‘0’ ali, era por aquele ‘0’ que



eu iria me avaliar. Ele me disse que aquilo era só um número e que não era capaz de me medir. [...] Então, professor, saiba que as lições de coerência que o senhor me deu me balizam até hoje e que em qualquer sala de aula que eu entrar, um pouquinho do senhor estará lá comigo (Carta pedagógica “1”, Mossoró, 2023).

No registro, a estudante vê o professor como um exemplo de coerência. O docente a conhecia e tinha ciência de seu potencial na disciplina de Matemática. Ele ilustrou um exemplo de que ao conhecermos nossos estudantes não podemos medi-los sempre com os mesmos critérios para todos e avaliá-los como o sistema nacional de educação faz com a mesma régua e métrica. A exemplaridade na docência pede que assumamos uma postura perene de sensatez e de discernimento no ensino. Desse modo, Freire (1996) também nos ensinou.

Na narrativa seguinte, apresentamos um pequeno recorte da carta pedagógica “7” que situa a estética na docência. Dessa vez, o enfoque recaiu para as características como a elegância e a postura corporal do professor em sala de aula. Leiamos:

Como esquecer de um professor com tanta elegância? Havia tantas características boas, mas, sobretudo, comecei a lhe admirar porque se arrumava bem para ir dar aula. Entrava na sala de aula e sua elegância mostrava logo quem era o professor. Sempre muito arrumado, cheiroso e sorridente. O cabelo bem penteado. Sua postura, o tom de voz firme e manso ao mesmo tempo. Eu me imaginava no senhor como uma profissional. [...] (Carta pedagógica “7”, Mossoró, 2023).

No exercício do magistério é preciso atentar para outras formas de comunicação com os alunos. A tonicidade na voz, o cuidado sobre como nos vestimos e nos apresentamos aos estudantes, para citar alguns, são aspectos que refletimos como relevantes à docência (Rios, 2004). É inimaginável seguirmos para uma sala de aula do mesmo modo como se fôssemos assistir a um jogo de vôlei ou futebol. A docência, como profissão, necessita de quem a exerce cuidados com sua estética corporal que é, na nossa interpretação, um canal de comunicação e diálogo com os estudantes. Essa característica se apresentou como uma virtude aos professores inesquecíveis em duas cartas pedagógicas.

Em síntese, neste eixo narrativo, vimos que a exemplaridade e a estética na docência são virtudes que caminham diariamente na profissão professor, se fazem nas ações em sala de aula, no modo como cada docente se apresenta e se relaciona com os estudantes. As duas virtudes são características que, apesar do tempo e das mudanças nos valores que tivemos socialmente e na docência, permanecem presentes e são essenciais aos professores.



4.4 Criatividade e entusiasmo no ensino

Os professores se tornam inesquecíveis por suas virtudes também relativas às diferentes formas de criar, de mobilizar a imaginação, de tonificar a dimensão inventiva no ensino, de entusiasmar para a aprendizagem. Neste eixo narrativo, como virtudes aparecem, justamente, *a criatividade e o entusiasmo no ensino*, no dia a dia na sala de aula ou mesmo em cada aula vivida com os estudantes. Recorremos aos registros das cartas pedagógicas “9” e “11” que as testemunham.

Há memórias que o tempo não apaga. [...] Penso que alguns professores não têm a consciência da força e da influência que possuem sobre os alunos. [...] o senhor ministrava a disciplina de português de forma brilhante e que, desde o primeiro dia de aula, tratava sobre essa influência [...] na vida dos estudantes. Impossível não reconhecer (e sentir) o aconchego e a segurança dessas aulas elaboradas e pensadas de forma tão criativa. [...], apesar de passados vinte anos, constato a atualidade dos seus ensinamentos e a sua capacidade de estar sempre à frente da sua época. Era inovador, dinâmico [...]. Nossas eternas aulas de português (Carta pedagógica “9”, Mossoró, 2023).

Em cada aula era notório o seu cuidado na arte de lecionar, o dinamismo, o rigor e a alegria. Suas aulas eram uma caixinha de surpresas. Leituras de formas variadas e atividades que sempre nos estimulavam a conhecer. [...] Nossa sala era um destaque por ser a mais arrumada na escola (Carta pedagógica “11”, Mossoró, 2023).

Nas duas narrativas escritas estão emaranhadas lembranças de professores inesquecíveis que faziam uso da ludicidade, da imaginação e do criar na prática pedagógica. Para os estudantes, de acordo com Franco (2024), é bem mais proveitoso no espaço escolar aprender explorando e aguçando a imaginação e captando a realidade. Professores inesquecíveis são criativos e engajados, movimentam o conhecimento e os diferentes sujeitos na sala de aula, permitindo-os se sentirem autônomos e produtores de seu próprio conhecimento.

Como professores de Didática, já ouvimos de outros professores em atividades que realizamos nas escolas de Educação Básica, que as paredes de uma sala de aula dizem muito do que se passa naquele espaço. Sobrelevamos que as paredes com os registros contínuos das atividades realizadas em sala de aula são ilustrações de um espaço vivo no ambiente escolar. Esse aspecto não se faz sem *criatividade e entusiasmos no ensino*. Destarte, os registros nas salas de aula são retratos do trabalho dos professores e da aprendizagem dos alunos. Essa característica foi pontuada na carta pedagógica “11”.

Nesse sentido, vimos nos dois registros a sala de aula como um ambiente de formação crítica e contextual dos estudantes e as aulas como momentos de produção de saberes e convidativos à aprendizagem humana.



Franco (2024, p. 67), acrescenta:

A sala de aula é um espaço onde ocorrem as múltiplas determinações decorrentes da cadeia de práticas pedagógicas que a circundam. A aula, por sua vez, requer um espaço dialógico, dialético de construção/transformação; de individualidades à construção de coletivos; de troca e socialização de saberes [...]. Uma aula informativa apenas está desconsiderando essa dialética inerente à sociedade. Para mim, [...] uma aula é uma espécie de matéria em movimento. [...] Numa aula, cada grupo ou cada estudante pega o que lhe convém. Uma aula ruim é a que não convém a ninguém. Não podemos dizer que tudo convém a todos. Uma aula é emoção. É tanto emoção quanto inteligência. Sem emoção, não há nada, não há interesse algum.

Outro aspecto que pontuamos é que a criatividade e o entusiasmo mobilizam os estudantes para construírem gosto pelo ensino, oportunizando, ainda, a se engajarem na atividade intelectual, ou seja, na sua própria formação. No registro seguinte, exploramos essa declaração.

Através de suas aulas, pude perceber que tudo o que produzimos como alunos tem valor. A senhora nos ensinou que somos seres em constante evolução e que cada dia aprendemos um pouco mais. Essa perspectiva foi inspiradora e me motivou a me esforçar ainda mais em meus estudos (Carta pedagógica “4”, Mossoró, 2023).

Por fim, com arrimo na leitura das cartas pedagógicas que denotaram a criatividade e o entusiasmo no ensino como virtudes dos professores inesquecíveis, declaramos que essas virtudes são também básicas para a prática pedagógica de professores que assumem a docência com compromisso social. Dessa maneira, a formação dos estudantes necessita se promover com sentido e vivacidade, o que se faz em ambientes escolares em que o conhecimento é movimentado, bem como ensejem os alunos a estarem ativos e presentes por inteiro.

4.5 Compromisso com a aprendizagem dos estudantes

Quando vivenciamos o processo de análise com as narrativas escritas, no último eixo narrativo, nos deparamos com memórias que também dizem de parte de nossa trajetória profissional na Educação Básica. Essas memórias se articulam ao *compromisso com a aprendizagem dos estudantes*, última virtude elencada nas cartas pedagógicas. Ter compromisso com os alunos, para nós, é buscar, de variados meios, conduzi-los à aprendizagem, é exercer a paciência e a humildade no ensino, é gostar de gente e de se relacionar com pessoas. Nesse lastro, leiamos o registro da carta pedagógica “3”.

Saiba que sou muita grata por cada cobrança sua. [...] Com você aprendi muito, por sua insistência. No tempo em que fui sua aluna, percebi que suas lições não se restringem apenas aos conteúdos programáticos, mas abrangem valores como dedicação, ética e paixão pelo ensino. [...] Sua paixão pela educação é contagiante. Além disso, quero expressar meu reconhecimento



pela paciência que você sempre demonstrou em cada dívida apresentada, pelo tempo dedicado às orientações individuais e pela maneira como motivou-me a ultrapassar meus próprios limites. Seu comprometimento com o aprendizado de seus educandos é evidente, e isso criava um ambiente de aprendizagem estimulante [...] (Carta pedagógica “3”, Mossoró, 2023).

A carta pedagógica “3”, direcionada a um professor do Ensino Médio, eleva a “cobrança” do professor com os alunos e sua insistência, bem como a paciência, o trabalho de orientação individual e a motivação como elementos que evidenciam o compromisso com a aprendizagem dos estudantes.

Ora, no ensino os professores não se dedicam somente a ministrar as aulas creditando os conteúdos curriculares a serem apreendidos pelos alunos. Eles se implicam na desafiante tarefa de formar para determinados valores, para que cada um desenvolva, nas suas condições, habilidades diversas e cresça como ser social. O compromisso com a aprendizagem discente é um componente *sine qua non* nos processos de ensino-aprendizagem. Para isso, nos diz Veiga (2008), é necessário tempo para planejar, para avaliar progressivamente o desenvolvimento da turma, para traçar estratégias pedagógico-curriculares individuais que atendam as especificidades dos estudantes, entre outras.

Novamente, recorreremos aos registros produzidos no estudo os quais denotam o compromisso de um professor inesquecível com a aprendizagem dos estudantes. Desta vez, apreciamos outro recorte da carta pedagógica “8”.

[...] suas aulas não se limitaram a repassar conteúdo, mas se transformaram em espaços de reflexão, diálogo e construção coletiva do saber. Cada aula se tornou uma oportunidade não só de absorver conhecimento, mas de questionar, debater e, principalmente, de perceber a educação como um espaço para humanização. [...] O olhar sensível que você dedica aos seus estudantes vai além do conteúdo programático, ele se estende para uma conexão profunda com o desenvolvimento humano e social (Carta pedagógica “8”, Mossoró, 2023).

O compromisso com a aprendizagem dos estudantes é uma virtude que está vinculada à prática pedagógica cotidiana em sala de aula. Com o tempo, é uma marca do trabalho dos professores no ensino. Com ela, os estudantes se fortalecem e progridem em termos de aprendizagem. Essa virtude mostra ainda, de acordo com a narrativa apresentada anteriormente, a relação horizontal entre professor-estudante, na qual aprendem em comunhão e se desenvolvem de forma mútua como sujeitos no espaço escolar.

Ao término desta seção, frisamos que as reflexões erguidas na análise dos fragmentos narrados nas cartas pedagógicas nos inspiram a sermos professores mais



sensíveis, engajados e comprometidos com nossos estudantes, com a profissão professor, com as salas de aula e com o ensino, particularmente. Mesmo diante de contextos tantas vezes marcados por desigualdades sociais, pelo avanço de ideias e práticas neoliberais que tentam nos apequenar, as narrativas nos trazem esperança, nos ensinam sobre o ensinar-aprender de forma inesquecível com professores que vivem/viveram intensamente a docência como uma prática social que transforma e humaniza.

5 Considerações finais

Este estudo objetivou analisar, por meio de narrativas, as virtudes de professores inesquecíveis, as quais somaram à formação dos estudantes na Educação Básica. Para tanto, recorreu às cartas pedagógicas produzidas por 11 (onze) estudantes da disciplina de Didática do Ensino Superior, do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PosEnsino) da UFERSA, as quais se dercionaram aos professores concebidos como inesquecíveis em suas trajetórias de escolarização. Nesse lastro, creditou o conjunto de virtudes apresentadas em cinco eixos narrativos para análise, a saber: i. Responsabilidade com a docência; ii. Sensibilidade pedagógica; iii. Exemplaridade e estética no magistério; iv. Criatividade e entusiasmo no ensino; e v. Compromisso com a aprendizagem dos estudantes.

Obviamente, não podemos generalizar o conjunto de virtudes analisado neste texto e indicar tais virtudes como necessárias a todo bom professor, uma vez que em cada sala de aula se cruzam inúmeras histórias de vida bem diferentes, fundam-se relações únicas e irrepetíveis entre docentes e estudantes com culturas plurais. Assim, são produzidas experiências particulares que se tecem em cada espaço de formação. No entanto, o texto deixa como possibilidade inspirativa ao magistério, por meio das narrativas, as marcas positivas que docentes construíram com/em seus estudantes no ensino na Educação Básica. Essas marcas aludem o ensinar combinando a dimensão técnica com a dimensão humana e relacional que a profissão docente exige.

De maneira geral, parece-nos coerente afirmar que os professores inesquecíveis são professores que além de possuírem seus saberes diversos relacionados à docência, tocam a humanidade das pessoas, exercendo o comprometimento com a aprendizagem dos estudantes, a responsabilidade com a função laboral que realizam, a criatividade e o entusiasmo na sala de aula e a sensibilidade pedagógica para com os estudantes, entre outras. Tudo isso, articulado com o compromisso social e com a educação. Assim,



dizemos que os professores inesquecíveis são implicados com a transformação da sociedade.

Além das virtudes analisadas no texto, registramos ainda outras características que vimos presentes nas cartas pedagógicas, são elas: discernimento com a docência, intencionalidade pedagógica sobre o que/como ensinar, vitalidade no ensino, firmeza nas palavras e coerência nas ações em sala de aula. Essas características, as quais também concebemos como virtudes, se articulam às outras dialogadas anteriormente, porém, deixamos aqui registradas.

Comunicamos também que não queremos com este texto romantizar o ensino de tal modo que seus limites e condicionantes aparentem ser superados apenas pela via do professor com suas boas virtudes. Temos ciência, tal como afirmamos em outros momentos deste escrito, de que a docência, como profissão, está condicionada aos diferentes arranjos e relações que se desenvolvem na sociedade. De toda maneira, acreditamos, assim como Freire (2014), que o professor pode contribuir com a transformação social.

Concluimos, reafirmando que os professores inesquecíveis são inspirações para pensarmos em um ensino que humanize e que possibilite o desenvolvimento mais pleno possível de quem o vivencie. A Didática, como campo de conhecimento que se delinea para os processos de ensino-aprendizagem, sem dúvidas, somará à formação desses professores.

Por último, desejamos que o presente escrito aguçe em cada leitor memórias afetivas sobre os professores inesquecíveis e permita que compreendamos mais o nosso ofício como professores, quicá, professores inesquecíveis.

Referências

ALARCÃO, I. Didática: que sentido na atualidade. In: MEDEIROS; E. A. de; FORTUNATO, I.; FERREIRA, L. G.; ARAÚJO, O. H. A. (org.). **Vamos conversar sobre Didática?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024. p. 21 - 46.

ALVES, R. **A alegria de ensinar**. Indaiatuba: ARS poetica editora ltda, 1994.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

CAMINI, I. **Cartas Pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

CANDAU, V. M. **A didática em questão**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1983.



CANDAU, V. M. Didática, Interculturalidade e Formação de Professores: desafios atuais. In: MEDEIROS; E. A. de; FORTUNATO, I.; FERREIRA, L. G.; ARAÚJO, O. H. A. (org.). **Vamos conversar sobre Didática?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024. p. 73 - 98.

D'ÁVILA, C. Didática Sensível: senti-pensar-agir no processo de ensino e aprendizagem. In: In: LONGAREZI, A. M.; PIMENTA, S. G.; PUENTES, R. V. **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023, p. 233 – 251.

DOTTA, C. L. S. D. L. S.; GARCIA, E. E. B. Cartas Pedagógicas: uma inspiração freireana. **Reflexão e Ação**, [S.L.], v. 30, n. 1, p. 69-84, mar. 2022.

FANON, F. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FRANCO, M. A. do R. S. O que pode a Didática? Reflexões em torno do convite à aprendizagem. In: MEDEIROS; E. A. de; FORTUNATO, I.; FERREIRA, L. G.; ARAÚJO, O. H. A. (org.). **Vamos conversar sobre Didática?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024. p. 47 – 72.

FREIRE, P. **Professora, sim; Tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 18. ed. Rio de Janeiro, RJ: Olho D'água, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, F. O que é a Didática hoje? A Didática como meio de transformação educacional e social. In: MEDEIROS, E. A. de; FORTUNATO, I.; FERREIRA, L. G.; ARAÚJO, O. H. A. (org.). **Vamos conversar sobre Didática?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2024. p. 11 - 20.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, J. C. Da Didática Crítico-social à Didática para o Desenvolvimento Humano. In: LONGAREZI, A. M.; PIMENTA, S. G.; PUENTES, R. V. **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023, p. 50 - 97.

MEDEIROS, E. A.; AMORIM, G. C. C. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 3, n. 3, p. 247-260, 2017.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise textual discursiva**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijui, 2016.

PAIM, A. V. F.; CARMO, M. C. S. (Re)afirmando o lugar da didática na formação docente. In: PIMENTA, S. G. et al. (org.). **A didática e os desafios da atualidade**. Salvador: EDUFBA, 2019. v. 2. p. 129-148.

PASSEGGI, M. da C. REFLEXIVIDADE NARRATIVA E PODER AUTO(TRANS)FORMADOR. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, 2021.

PIMENTA, S. G. As ondas críticas da Didática em movimento: resistências ao tecnicismo/neotecnicismo neoliberal (excertos do original publicado em 2019). In:



LONGAREZI, A. M.; PIMENTA, S. G.; PUENTES, R. V. **Didática Crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023. p. 17 - 49.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar** – por uma docência da melhor qualidade. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ROMANOWSKI, J. P.; MALLAT, J. D.; GUIMARÃES, E. L. Ensino da didática no curso de licenciatura em pedagogia: estudo a partir do programa da disciplina. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 58, n. 55, 2020.

SACRISTÁN, G.; GÓMEZ, P. **Compreender e transformar o ensino**. 5. ed. São Paulo: Artmed, 2000.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2021.

TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA, I. P. A. **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

Recebido em: 21 de janeiro de 2025.

Aceito em: 29 de março de 2025.